

Artigos

Educação Bilíngue, formação de sujeitos bilíngues e Escolarização Bilíngue: Discutindo conceitos e problematizando modelos educacionais oferecidos no Brasil

Bilingual Education, development of bilingual individuals and Bilingual Schooling: Discussing concepts and reflecting on educational programs offered in Brazil

Luciana Brentano*
Ingrid Finger**

RESUMO

Nos últimos anos, o aumento significativo do ensino bilíngue no Brasil tem gerado novos formatos curriculares de aprimoramento linguístico dos alunos. No entanto, existem dúvidas sobre os modelos mais apropriados dentro do escopo da “Escolarização Bilíngue”, termo sugerido aqui para esses contextos (Brentano & Finger, 2025). A pesquisa relatada neste artigo teve como objetivo apresentar as diferentes propostas de formação de bilíngues oferecidas em escolas regulares no Brasil, a partir da aplicação de questionários para três públicos distintos que atuam nas cinco regiões do país: diretores acadêmicos e coordenadores pedagógicos de escolas, coordenadores de redes de ensino bilíngue ou internacional e consultores acadêmicos de editoras. Os resultados sistematizam as modalidades de Escolarização Bilíngue existentes, sendo discutidos considerando as exigências de desenvolvimento linguístico e acadêmico desse formato de ensino, evidenciando que nem todas as propostas atendem aos parâmetros necessários para uma formação acadêmica bilíngue eficaz. O artigo sugere também, novos olhares para os formatos de Escolarização Bilíngue

* Faculdade IENH. Novo Hamburgo, RS – Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-9808-0691>. E-mail: lubrentano@gmail.com

** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS – Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-9779-8615>. E-mail: ingrid.finger@ufrgs.br

existentes, propondo discussões inovadoras sobre os modelos brasileiros, de forma a contribuir nas reflexões sobre propostas bilíngues de excelência para o cenário brasileiro.

Palavras- chave: *educação bilíngue; escolarização bilíngue; ensino bilíngue; formação de sujeitos bilíngues; Brasil*

ABSTRACT

In recent years, the significant increase in Bilingual Education in Brazil has generated new curricular formats focusing on the student's linguistic development. However, there are doubts about the most appropriate models within the scope of "Bilingual Schooling", a term suggested here for these contexts. The research reported in this article aimed to present the different proposals for bilingualism development offered in regular schools in Brazil, based on the application of questionnaires to three different participant groups: academic directors and pedagogical coordinators of schools, coordinators of bilingual or international education franchises, and academic consultants for publishers. The results systematize the existing modalities of Bilingual Schooling, which are discussed considering the linguistic and academic development requirements of this teaching format. We show that not all existing proposals meet the necessary parameters for effective bilingual academic development. The article also suggests new perspectives on existing Bilingual Schooling formats, proposing innovative discussions on Brazilian models, in order to contribute to reflections on qualified bilingual proposals for the Brazilian scenario.

Keywords: *bilingual education; bilingual schooling; bilingual teaching; development of bilingual individuals; Brazil*

1. Introdução

Nos últimos anos, testemunhamos um notável progresso no cenário da Educação Bilíngue no Brasil, juntamente com um aumento da compreensão dos impactos que esse novo modelo educacional traz consigo (Brentano & Finger, 2020; Marcelino, 2009; Megale, 2019; UNESCO, 2015). Entretanto, embora a Educação Bilíngue seja uma fonte de inovação e de possibilidades que empolgam muitas famílias e escolas, a implantação acelerada desse novo formato de ensino em todas as regiões do Brasil tem descortinado a carência de conhecimento aprofundado e o despreparo de muitos educadores e gestores escolares para lidar com as demandas que estão atreladas a ele (Brentano, 2023; Brentano & Finger, 2025).

No Brasil, a busca por uma abordagem bilíngue na Educação tem emergido como uma tendência proeminente no país, revelando-se de valor inestimável para famílias que aspiram ver seus filhos dominando mais de uma língua, normalmente o inglês. Além disso, alguns autores ainda afirmam ser a Educação Bilíngue uma proposta educacional alinhada às competências necessárias para os estudantes do século 21 (García, 2009), uma vez que promove engajamento e participação dos estudantes em um mundo cada vez mais plural e globalizado (García, 2009; Megale & El Kadri, 2023). Somam-se a essas informações, notícias na mídia que mostram o bilinguismo como um potencializador do desenvolvimento cognitivo e linguístico durante os anos escolares (Antoniou, 2019; Brentano, 2020; Kovelman *et al.*, 2009; Kroll & Bialystok, 2013; Martin-Rhee & Bialystok, 2008), o que justifica o interesse e a curiosidade das famílias pelo ensino bilíngue.

Entretanto, ainda há pouca discussão teórica aprofundada sobre o que é, de fato, Educação Bilíngue e quais “modelos bilíngues” são mais apropriados a serem adotados nas escolas brasileiras. Tal fato tem ocasionado propostas questionáveis de escolarização, bem como a adoção de modelos provenientes de outros países, nem sempre compatíveis à realidade dos sujeitos e das línguas faladas no Brasil. Isso ocorre porque os programas internacionais implementados nos Estados Unidos e na Europa não necessariamente se adequam à realidade brasileira, uma vez que se direcionam a sujeitos bilíngues culturalmente heterogêneos, abrangendo realidades sociais, econômicas e linguísticas diferentes da nossa.

Outro ponto importante refere-se à própria expressão ‘Educação Bilíngue’, que é empregada para descrever uma gama diversificada de programas educativos que incorporam duas ou mais línguas. Devido a essa diversidade, ela é interpretada de maneiras distintas ao redor do mundo (Brentano, 2022; González, 2008; Hamers & Blanc, 2000). Baker e Wright (2017), por exemplo, categorizam a Educação Bilíngue em três tipos: a) Educação Bilíngue de transição, que foca na instrução na língua dominante da comunidade, gradualmente diminuindo o uso da língua materna do aluno; b) Educação Bilíngue de manutenção, que busca preservar a língua materna do aluno, seja de forma estática ou com desenvolvimento linguístico contínuo; e c) Educação Bilíngue de enriquecimento, que proporciona a aprendizagem de uma segunda língua de prestígio para falantes de uma outra língua valorizada na comunidade. Essa última categoria, também conhecida como “Educação Bilíngue de Línguas de Prestígio”, é a mais empregada no Brasil, representando um modelo educacional em larga ascensão. Apesar dos contextos de

bilinguismo existentes no Brasil serem diversos e de uma riqueza imensa, o presente artigo vai tratar apenas da Educação Bilíngue de Línguas de Prestígio, visto ser essa a modalidade que mais cresce no país, atualmente (Brentano & Finger, 2020; Megale, 2019).

É importante reforçar que o termo ‘Educação Bilíngue’ é utilizado na literatura de forma muito genérica, sendo empregado para se referir a currículos de transição e/ou também currículos subtrativos (que não evidenciam preocupação com a manutenção da língua de herança e eliminam uma das línguas do repertório bilíngue do sujeito); mas também a contextos familiares de criação de filhos bilíngues, bem como ao âmbito de ensino de línguas estrangeiras na escola, entre outros contextos. Por esse motivo, defendemos e adotamos neste artigo o uso de uma expressão que consideramos ser mais adequada para tratar de oportunidades de desenvolvimento do bilinguismo em contexto escolar, dentro de um currículo acadêmico: *Escolarização Bilíngue* (Brentano, 2023; Brentano & Finger, 2025).

É importante ressaltar que a expressão ‘Escolarização Bilíngue’ é utilizada aqui como um termo guarda-chuva, que designa as modalidades de ensino que envolvem o uso e a mobilização dos aprendizados escolares por meio de ambas as línguas do currículo, tais como currículo bilíngue, currículo internacional bilíngue e programa de carga horária estendida na língua adicional, modelos esses que serão discutidos e problematizados ao longo deste artigo. Tais modelos de escolarização podem tanto ocorrer num arranjo comum e integrado entre as línguas como num arranjo em que haja interlocução entre dois currículos. Entretanto, é importante chamar a atenção para o fato de que ambos visam o desenvolvimento do bilinguismo dos alunos inseridos em contextos acadêmico-escolares, viabilizando, portanto, a aprendizagem de conteúdos acadêmicos e aprimoramento linguístico por meio de mais de uma língua na escola e para todos os alunos. Cabe, ainda, salientar que a expressão ‘Escolarização Bilíngue’ não se refere a outros formatos que não sejam escolarização em línguas e através das línguas. Portanto, ao utilizar ‘Escolarização Bilíngue’ como um termo para designar os modelos que fazem articulação entre as línguas e os conteúdos escolares, envolvendo todos os alunos da escola numa implantação intracurricular, salientamos que, a nosso ver, nem todos os modelos educacionais que vêm sendo ofertados no Brasil podem ser classificados dentro do escopo da Escolarização Bilíngue¹. É necessário enfatizar também que o que difere

1. Dentre esses, destacamos o caso das escolas que são monolíngües e oferecem programas extracurriculares de língua inglesa ou as ofertas de *high school*, no Ensino Médio, somente para alunos que se matriculam nesse programa.

os programas de Escolarização Bilíngue anteriormente citados do ensino tradicional de língua adicional (LA) como componente curricular na escola é o fato de que, na Escolarização Bilíngue, o foco não se resume apenas ao desenvolvimento da proficiência linguística do sujeito na língua adicional.

De fato, desenvolvimento de proficiência linguística na LA e Escolarização Bilíngue não podem ser tomados como sinônimos, uma vez que o desenvolvimento de bilíngues refere-se à condição do sujeito, enquanto que Escolarização Bilíngue diz respeito a contextos escolares em que a instrução se dá em ambas as línguas. Em outras palavras, é possível alcançar o bilinguismo mesmo na ausência de experiências formais de instrução bilíngue. Portanto, se formos considerar a formação de sujeitos bilíngues, os cursos de idiomas podem desempenhar um papel significativo na formação de indivíduos bilíngues. Além disso, a imersão em países estrangeiros por períodos prolongados pode vir a contribuir muito para o desenvolvimento de habilidades linguísticas. Da mesma forma, modelos adotados nas escolas, que privilegiam apenas o ensino da língua com foco na competência e fluência linguística também podem formar sujeitos bilíngues (Brentano, 2023). Contudo, é fundamental considerar que esses indivíduos nem sempre possuirão a competência necessária para participar de discussões acadêmicas de forma plena em ambas as línguas do seu repertório, visto que o desenvolvimento acadêmico-cognitivo e a instrução escolar não ocorrem em ambas as línguas nesse tipo de contexto (Ladeia *et al.*, 2020).

Ademais, o aparato cognitivo que se desenvolve por meio da interação com duas línguas requer um input linguístico de qualidade (Marcelino & Weissheimer, 2022). Para que o bilinguismo se concretize de maneira sólida e para que os benefícios cognitivos sejam evidenciados, é essencial que haja uma exposição regular, apropriada e cuidadosamente estruturada das línguas no repertório do indivíduo que está se tornando bilíngue por meio da educação formal (Brentano, 2023). Nesse cenário, a implementação de currículos eficazes que favoreçam o avanço linguístico e cognitivo dos alunos bilíngues abarca uma abordagem que vai além da simples exposição das crianças a duas línguas (Marcelino, 2009). Sendo assim, neste artigo problematizamos a respeito de quais modalidades de ensino oferecidas no Brasil podem ser consideradas, de fato, Escolarização Bilíngue.

Defendemos haver uma demarcação clara na Escolarização Bilíngue: ela começa quando as línguas são utilizadas para ensinar conteúdo a partir dos componentes curriculares na escola, tais como Matemática, Ciências e

Humanidades, ou seja, quando as línguas passam a ser usadas como meio de instrução (Brentano, 2023; Baker & Prys Jones, 1998 ou 2017). Dessa forma, não basta a escola proporcionar oportunidades de ensino da LA somente pelo uso da língua no currículo bilíngue. Muito menos pode-se oferecer um currículo com carga horária insuficiente na LA, o que inviabiliza o trabalho de desenvolvimento acadêmico e linguístico através das línguas.

Em 2020, foram estabelecidas pelo Conselho Nacional da Educação as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Plurilíngue², e desde lá, elas desempenham um papel importante no estabelecimento de critérios para a Escolarização Bilíngue no Brasil, ainda que o documento não tenha sido homologado pelo MEC até agora. Segundo as Diretrizes, há apenas três formatos de Escolarização Bilíngue: escola internacional, escola brasileira com currículo internacional e escola bilíngue (Brasil, 2020). O documento também apresenta um modelo que não é normalmente considerado como Escolarização Bilíngue, o currículo com carga horária estendida, um modelo de parceria entre escolas e editoras bastante utilizado no Brasil. Os critérios estabelecidos nas Diretrizes estão sendo seguidos por algumas escolas, na tentativa de se adequar à normativa, embora nem todas as escolas conheçam o documento ou sigam suas propostas, o que faz com que muitas instituições de ensino acabem adotando autonomamente seus próprios parâmetros normativos. Nesse contexto, a presente discussão apresentada aqui visa efetuar uma contribuição à comunidade nacional, auxiliando o avanço das pesquisas e da compreensão da Escolarização Bilíngue no território brasileiro.

Ainda, em relação à Escolarização Bilíngue e ao fato de essa modalidade ter ganhado espaço e notoriedade no cenário escolar brasileiro nos últimos anos, vale ressaltar que, apesar de a discussão parecer recente, essa não é uma proposta educacional nova em nosso país. Em São Paulo, as escolas privadas já vêm oferecendo currículos bilíngues e internacionais há mais de 30 anos (Marcelino, 2009). Nos outros estados brasileiros, entretanto, o movimento foi mais lento, crescendo exponencialmente nos últimos cinco anos. No Brasil, entretanto, observa-se uma mudança de posicionamento: a maior parte das escolas privadas de ensino regular estão se tornando bilíngues ou fazendo parceria com editoras que oferecem programas de LA, no intuito de atenderem a essas novas demandas de mercado.

O primeiro levantamento de dados sobre a realidade da Escolarização Bilíngue no Brasil foi realizado por Brentano (2023), numa pesquisa iné-

dita e de grande porte que considerou as cinco regiões brasileiras, sendo que o presente artigo reporta um pequeno recorte dos dados obtidos nessa pesquisa. Nesse contexto, o objetivo geral deste artigo foi apresentar as diferentes propostas de formação de bilíngues oferecidas em contextos de escola regular no Brasil, a partir da aplicação de questionários para três públicos distintos que atuam nas cinco regiões do país: diretores acadêmicos e coordenadores pedagógicos de escolas, coordenadores de redes de ensino bilíngue ou internacional e consultores acadêmicos de editoras. Com base nas análises das respostas obtidas através dos três questionários, refletimos sobre em que medida essas modalidades de ensino podem, de fato, ser consideradas modelos de Escolarização Bilíngue. Acreditamos que é de grande valia compreender melhor as perspectivas teóricas que sustentam os diversos formatos de Escolarização Bilíngue adotados pelas escolas brasileiras, a fim de avançarmos no aprimoramento das oportunidades de formação qualificada de sujeitos bilíngues no nosso país.

2. Método

A Amostra 1 foi formada por 82 diretores acadêmicos/ coordenadores pedagógicos de escolas com currículo ou programa bilíngue em instituições das cinco regiões do Brasil; a Amostra 2 foi composta por 11 coordenadores de redes ou franquias de ensino bilíngue/ internacional; e da Amostra 3 fizeram parte 28 consultores acadêmicos de editoras³.

A constituição da Amostra 1 envolveu um processo complexo de seleção e contato com coordenadores pedagógicos de escolas bilíngues, internacionais ou com carga horária estendida no Brasil. A seleção das escolas foi organizada com base nos retornos das coordenações pedagógicas das cinco regiões do país, utilizando pesquisa em sites institucionais e comunicação por e-mail. Apesar de dificuldades iniciais com a falta de respostas, 90 convites foram enviados e, ao final, a amostra foi composta por 82 escolas, com uma distribuição regional assimétrica: Sul: 29 escolas (35,37%), Sudeste: 19 escolas (23,1%), Centro-Oeste: 17 escolas (20,7%), Nordeste: 12 escolas (13,4%) e Norte: 6 escolas (7,3%). A maioria dos coordenadores participantes eram professores de línguas com formação em Letras e com experiência complementada por pós-graduação.

3. Para detalhes sobre a estrutura dos questionários, ver Brentano (2023).

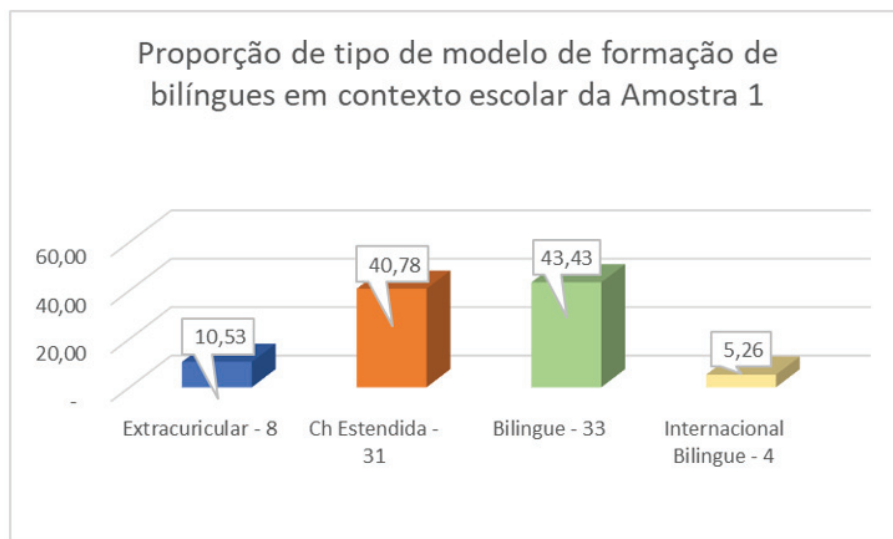
Os 11 coordenadores da Amostra 2 representam redes ou franquias que possuem diferentes formatos de Escolarização Bilingue. Dentre elas, um total de 38,4% (5 franquias) adotam currículo bilingue internacional, 38,4% (5 redes) oferecem carga horária estendida, 15,3% (2 redes) adotam um currículo bilingue e 7,6% (1 rede), um programa extracurricular. Essas 11 redes ou franquias abrangem 404 escolas, com a maioria (291) oferecendo currículo bilingue internacional. As regiões Sudeste (105 escolas, 25,8%) e Sul (91 escolas, 22,5%) concentram a maior oferta de proposta de formação de bilíngues desta amostra, enquanto o Nordeste possui a menor participação: 52 escolas (12,9%). Ambas as regiões Norte e Centro-Oeste possuem 79 escolas cada (19, 35%). A análise focou nos modelos oferecidos, cujos resultados serão discutidos na próxima seção.

Por fim, a Amostra 3 foi composta por consultores educacionais de editoras que oferecem programas bilíngues. Um total de 28 convites foi expedido e aceito integralmente. Os dados revelam que, entre as 28 editoras que compuseram a amostra, 100% delas oferecem propostas na região Sudeste, 92,9% (26 editoras) atuam no Nordeste, 85,7% (24 editoras) atuam na região Centro-Oeste, 78,6% (22 editoras) atuam na região Sul e 67,89% (19 editoras) atuam na região Norte. Essa distribuição reflete fatores como densidade populacional, crescimento econômico e demanda educacional. É importante ressaltar que a amostra final da pesquisa se mostra bastante reveladora da realidade do país, dado que a pesquisa inicial identificou 28 editoras bilíngues e todas elas foram representadas na pesquisa pelos consultores participantes.

3. Análise e Discussão dos Resultados

Nesta seção, apresentamos os dados obtidos a partir das três amostras, refletindo sobre as implicações dos diferentes modelos oferecidos para a Escolarização Bilingue no Brasil. Com base nos dados da Amostra 1 (Figura 1), podemos observar quatro modelos de formação de bilíngues em contexto escolar que têm uma presença relevante no cenário brasileiro. Das 76 escolas participantes, um total de 33 (43,43%) foram descritas como Escolas Bilíngues, 31 (40,78%) foram descritas como Escolas com Carga Horária Estendida, 8 (10,53%) foram descritas como escolas que adotam Programas extracurriculares, e 4 (5,26%) foram descritas como Escolas Bilíngues com Currículo Internacional.

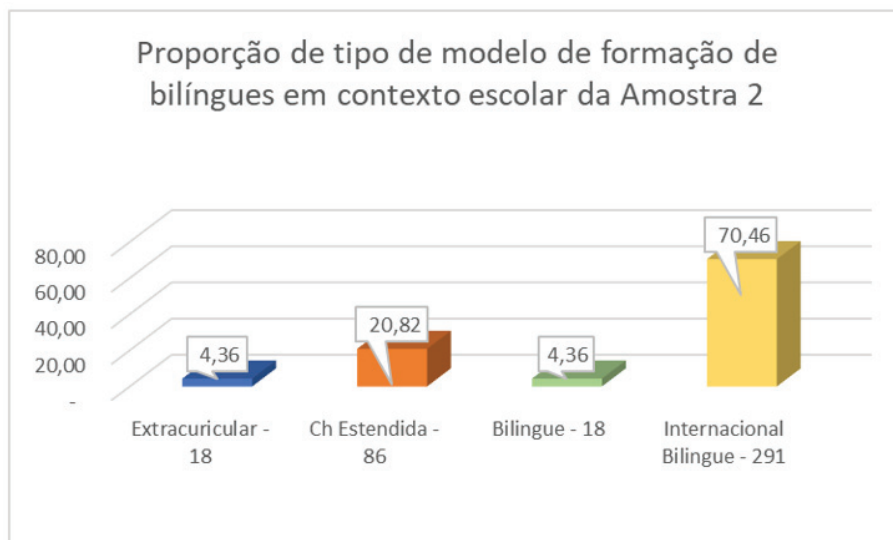
Figura 1. Proporção de tipo de modelo de formação de bilingues em contexto escolar da Amostra 1



Fonte: As autoras.

Na mesma linha, os dados da Amostra 2 (Gráfico 2) revelaram a existência dos mesmos formatos de ensino, sendo que os entrevistados atuam em redes ou franquias que possuem escolas na seguinte proporção: 291 (70,46%) escolas internacionais bilingues, 86 (20,82%) escolas com carga horária estendida na língua adicional, 18 (4,36%) escolas com currículo bilingue e 18 (4,36%) escola com proposta extracurricular. Esses dados são coerentes com o que se conhece sobre a atuação das franquias de Escolarização Bilingue no nosso país, que geralmente oferecem os Currículos Internacionais Bilingues, que são os modelos mais vendidos no Brasil quando se fala de modelo pronto, internacional, validado em outro país. O outro modelo com porcentagem alta de oferta foi o modelo Escolas com Carga Horária Estendida. Estes números representam as grandes instituições de ensino, que geralmente compram das franquias um modelo de escolarização que se encaixa melhor em redes que possuem um número grande de escolas e, portanto, precisam de um modelo mais viável e que pode ser utilizado por todas as unidades, com mais facilidade.

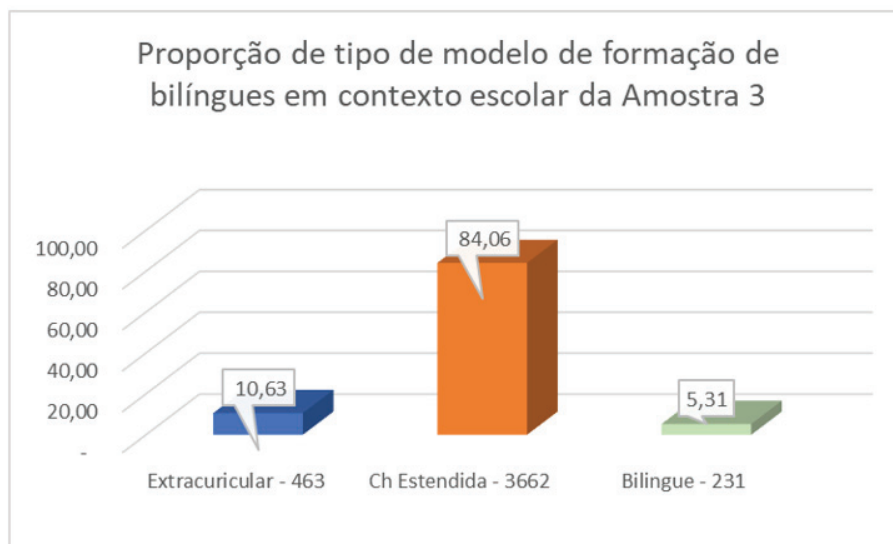
Figura 2. Proporção de tipo de modelo de formação de bilíngues em contexto escolar da Amostra 2



Fonte: As autoras.

Já os resultados obtidos a partir da Amostra 3 (Figura 3) revelaram que as 28 editoras possuem atuação em 3.662 escolas (84,06%) que possuem um Currículo com Carga Horária Estendida na LA, 463 escolas (10,63%) parceiras que possuem a proposta de Currículo Extracurricular e 231 escolas (5,31%) que adotam Currículo Bilingue, contemplando as duas línguas de forma integrada. Esses dados corroboram dados informais que tínhamos até então: de que as editoras que comercializam materiais didáticos voltados à formação de sujeitos bilíngues em contexto escolar focam suas ofertas em dois modelos – Carga Horária Estendida e Proposta Extracurricular.

Figura 3. Proporção de tipo de modelo de formação de bilíngues em contexto escolar da Amostra 3



Fonte: As autoras.

Conforme relataram os consultores, até antes das Diretrizes Nacionais para a Educação Plurilíngue, todos chamavam suas propostas de programa bilíngue, independentemente desse ser inserido ou não na grade curricular da escola. Com a chegada das Diretrizes, mesmo que essas não estejam homologadas, as empresas se reorganizaram e começaram a nomear suas propostas de “Currículo com Carga Horária Estendida na LA”, quando a oferta ocorre dentro da grade curricular da escola, e de “Programa Bilíngue Extracurricular”, quando a oferta é organizada fora da grade curricular e não envolve todos os alunos. É importante ressaltar, entretanto, que as Diretrizes deixam claro que, quando a oferta é somente para aqueles que pagam, fora do currículo da escola, tais propostas devem ser chamadas de “Proposta Extracurricular”, sem a inclusão da expressão “bilíngue” atrelada ao nome. Apesar disso, percebe-se que, em alguma medida, a nomenclatura que aparece nas Diretrizes parece estar auxiliando dirigentes, professores e pais a entenderem melhor as diferenças entre as variadas propostas de Escolarização Bilíngue existentes.

A Tabela 1 apresenta o panorama dos tipos de propostas de escolarização ofertados no país e o número de instituições encontradas em cada um deles, conforme levantamento dos dados totais coletados na pesquisa, consideran-

do as três amostras de participantes. A análise revelou que existem quatro modelos de Escolarização Bilíngue que têm uma presença relevante no cenário brasileiro, denominados aqui como *Currículo Bilíngue*, *Currículo Internacional Bilíngue*, *Currículo com Carga Horária Estendida em LA* e *Proposta Extracurricular*. Observa-se ainda que, de fato, a Escolarização Bilíngue é uma realidade bem expressiva no país, uma vez que encontramos mais de 4.845 ofertas de formação de bilíngues em contextos de escola regular no Brasil.

Tabela 1. Tipos de escolarização bilíngue ofertados no país

Tipos de propostas de escolarização	Amostra 1 Coordenadores de Escolas	Amostra 2 Coordenadores de Redes e Franquias	Amostra 3 Consultores de Editoras	Total
Currículo Bilíngue	33 (43,43%)	18 (4,36%)	231 (5,31%)	282
Currículo Internacional Bilíngue	4 (5,26%)	291 (70,46%)	----	295
Currículo com Carga Horária Estendida na LA	31 (40,78%)	86 (20,82%)	3.662 (84,06%)	3.779
Proposta Extracurricular	8 (10,53%)	18 (4,36%)	463 (10,63%)	489
Total	76 (100%)	413 (100%)	4.356 (100%)	4.845

Fonte: As autoras.

Interessa notar que alguns dos modelos observados não se assemelham aos modelos típicos encontrados na literatura internacional sobre Educação Bilíngue. Embora possa ser caracterizados como exemplos de Educação Bilíngue de enriquecimento (Baker & Wright, 2017), por ter como finalidade educativa a promoção do desenvolvimento linguístico das crianças em mais de uma língua de prestígio (normalmente, o inglês), o quarto modelo, denominado aqui de Proposta Extracurricular – também conhecido popularmente como “programa bilíngue fora da grade” –, apesar de ser um modelo com bastante incidência no país (489 escolas no total), não o consideramos dentro do escopo da Escolarização Bilíngue de línguas de prestígio, por dois motivos. O primeiro é que, embora em princípio, se note uma manifesta intenção de proporcionar uma educação de qualidade aos alunos, as escolas que apresentam Propostas Extracurriculares o fazem de maneira independente e desvinculada do currículo escolar. O segundo

é que, por ser essa uma realidade característica de contextos privados de ensino, tal oferta está restrita aos estudantes cujas famílias têm capacidade financeira para arcar com esse custo adicional, o que compromete a caracterização dessa proposta como inclusiva e, portanto, a torna inacessível para toda a comunidade escolar. Esse tipo de proposta, apesar de ser mencionado nas Diretrizes, não é descrito na literatura internacional (Baker & Wright, 2017, García, 2009, dentre outros).

Conforme respostas dos questionários a consultores entrevistados na Amostra 3, a maioria das escolas que optam por esse formato de ensino ancora-se principalmente em três motivos. O primeiro seria a dificuldade de alocar espaço na grade semanal para contemplar um Currículo Bilíngue ou, até mesmo, um currículo com Carga Horária Estendida em LA. A segunda razão seria a falta de conhecimento sobre Educação Bilíngue, o que leva as instituições a adotarem uma proposta desvinculada do currículo base e que é administrada pela empresa/editora contratada para fornecer a proposta de ensino da LA. Além disso, segundo alguns consultores entrevistados, um terceiro motivo que muitas vezes não é claramente explicitado pelas escolas estaria relacionado ao descomprometimento financeiro com os custos de investimento que uma proposta de Currículo Bilíngue ou Currículo Internacional Bilíngue pode gerar para a escola, uma vez que, numa Proposta Extracurricular, todo o custo é absorvido pelas famílias interessadas.

Sendo assim, uma oferta no contraturno, mesmo que com carga horária robusta, parece pouco alinhada com uma educação linguística e acadêmica que promova as línguas dentro do currículo da escola, ainda que a proposta se disponha a fazer a interlocução da língua ofertada com os projetos da escola. Ao relacionarmos esse modelo com as tipologias apresentadas por Baker e Wright (2017), chama a atenção o fato de os autores afirmarem que o ensino de língua estrangeira na escola deve ser considerado uma forma fraca de Educação Bilíngue, por não visar o desenvolvimento acadêmico em mais de uma língua, o que resulta em um bilinguismo muito limitado. Nessa perspectiva, podemos inferir que a Proposta Extracurricular, ainda que construída a partir de um desejo da escola de promover o desenvolvimento pleno das habilidades linguísticas dos alunos, envolve uma parcela muito pequena da população escolar (somente quem paga separado por esse serviço), tornando essa modalidade descontextualizada e distante dos modelos de real Escolarização Bilíngue brasileiros. Baseado no exposto, esse modelo não é considerado por nós como Escolarização Bilíngue, pois,

ainda que apoie a formação de sujeitos bilíngues, não se alinha aos formatos que promovem, de fato, a Escolarização Bilíngue no Brasil.

Outra constatação importante é a existência de um modelo de formação de sujeitos bilíngues que se destaca em número (3.779 escolas), merecendo uma análise mais aprofundada: o Currículo com Carga Horária Estendida em LA – também conhecido como “programa bilíngue dentro da grade curricular” –. Apesar de não ser comumente descrito na literatura internacional, esse modelo merece ser discutido aqui devido à sua grande incidência no país, a fim de que possamos compreender melhor seus impactos.

Como vimos, esse formato de ensino passou a ser assim denominado a partir da elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Plurilíngue (Brasil, 2020). O foco desse modelo é ofertar uma proposta de aprendizado de LA que estabeleça algum diálogo com o currículo escolar, proporcionando enriquecimento desse currículo, embora essa oferta não cumpra com os requisitos estabelecidos na literatura para ser considerado um currículo bilíngue em si (como a carga horária e a integralização dos conteúdos acadêmicos). Essa análise justifica-se a partir dos argumentos exibidos no referencial teórico, tais como os apresentados por Baker e Pry-Jones (1998), Brentano (2022) e May (2017), que reforçam que, para que um currículo seja genuinamente considerado bilíngue, é essencial que ambas as línguas sejam utilizadas como meio de instrução para o ensino de conteúdos curriculares da escola e que as línguas sejam empregadas no ensino de componentes como Matemática, Ciências e Humanidades, indo além do ensino da LA como mero conteúdo curricular.

Portanto, esse tipo de modelo, no qual a LA é utilizada apenas nos materiais didáticos fornecidos pelas editoras e ocasionalmente em projetos culturais na escola, encontra-se distante de alcançar os objetivos educacionais de um autêntico Currículo Bilíngue, conforme preconizado por pesquisadores na área. O fato de esse tipo de proposta estar inserido no currículo e ser oferecido para todos os alunos, com uma relevante quantidade de horas destinada para a LA e projetos em parceria não a configura como um Currículo Bilíngue de fato, pela falta de articulação com os conteúdos acadêmicos previstos no planejamento da escola. Entretanto, é importante ressaltar que as escolas com Carga Horária Estendida em LA desempenham um papel extremamente importante no desenvolvimento linguístico dos alunos. Mesmo que não sejam consideradas Escolas Bilíngues *per se*, tais instituições podem oferecer oportunidades de uso da LA bastante

consistentes, contribuindo, portanto, com o aprimoramento das habilidades linguísticas dos estudantes, visando articulações pedagógicas importantes entre os dois currículos: da língua materna e da LA. Portanto, a nosso ver, as escolas que adotam este formato devem ser consideradas como um tipo de Escolarização Bilingue, ainda que a educação acadêmica integrada por meio das línguas não seja o foco desse modelo de escolarização, diferenciando-as de escolas com Currículo Bilingue.

Um terceiro tipo de escolarização encontrado na pesquisa é o Currículo Bilingue. Sabemos, a partir da literatura na área, que uma escola bilingue eficaz oferece um currículo único, integrado, que promove o desenvolvimento acadêmico e linguístico dos alunos, também por meio de componentes curriculares que são ministrados em, no mínimo, duas línguas de instrução (Baker & Wright, 2017; Brasil, 2020; Brentano, 2022; García, 2009; May, 2017). Sendo assim, a adoção de um currículo bilingue exige, das escolas que se propõem a implantar esse tipo de escolarização, metodologias apropriadas, além de professores qualificados e de carga horária (CH) consistente. Em relação à CH, mais especificamente, Brentano (2023) sugere que entre 6h e 8h horas semanais na LA seria considerada a CH mínima adequada conforme as orientações das Diretrizes Nacionais para currículos bilingues⁴. Muitas escolas ainda oferecem uma carga horária insuficiente na LA, o que pode comprometer a efetividade do processo de aquisição linguística. A falta de legislação pode, inclusive, levar a escolhas arbitrárias em relação ao tempo dedicado ao ensino da LA, o que inevitavelmente afeta o desenvolvimento efetivo do bilinguismo nos alunos.

Por fim, o modelo Currículos Internacionais Bilingues refere-se a escolas que oferecem uma educação global, baseada num currículo ou sistema internacional, aliada ao currículo brasileiro, com o propósito de desenvolver seus alunos de forma bilingue, proporcionando uma carga horária robusta na LA e promovendo a aprendizagem acadêmica em duas línguas, de maneira integrada. De fato, vários autores concordam que os currículos bem-sucedidos em outros países costumam ter uma intensa CH na LA, pois, conforme Baker e Wright (2017), metodologias baseadas na imersão na língua alvo costumam garantir altos níveis de desenvolvimento acadêmico proficiente

4. A consideração da CH mínima a ser adotada em um currículo bilingue qualificado é melhor discutida em Brentano (2023), em que a autora apresenta uma análise detalhada do número de horas adotadas pelas escolas pesquisadas nas três amostras, problematizando as diferenças entre as diversas CHs.

em ambas as línguas, empatia por duas ou mais culturas e, portanto, uma experiência bem sucedida de escolarização.

Com base nos modelos de Escolarização Bilíngue identificados na pesquisa e na reflexão feita aqui a partir da literatura existente, é possível observar que nem todas as modalidades oferecidas nas escolas brasileiras seguem modelos adotados no resto do mundo nem podem ser consideradas Escolarização Bilíngue. Fica evidente a necessidade de melhorar a compreensão sobre a diferença entre um Currículo Bilíngue robusto e um currículo que oferece apenas algumas aulas extras de inglês. Essa distinção é necessária para garantir uma abordagem adequada e efetiva do desenvolvimento do bilinguismo no ambiente escolar no país, visando, assim, o desenvolvimento integral do estudante, na língua e através da língua (Brentano, 2020).

4. Conclusão

As análises apresentadas neste estudo mostraram a realidade da escolarização bilíngue de línguas de prestígio no nosso Brasil, destacando a necessidade de um entendimento mais detalhado dos modelos existentes. A nosso ver, somente com essa compreensão aprofundada, será possível formular e oferecer propostas bilíngues de excelência no cenário brasileiro, permitindo desfrutar de benefícios linguísticos e acadêmicos substanciais decorrentes de uma escolarização cuidadosamente planejada e implementada (Brentano & Finger, 2025).

É importante destacar que os currículos bilíngues demandam um compromisso mais amplo e contínuo com a LA, com a devida dedicação de CH e recursos para que os alunos possam alcançar um nível de proficiência satisfatório nessa língua, além de mobilizarem conhecimentos acadêmicos em ambas as línguas do currículo. O escopo deste artigo não nos permitiu discutir abordagens pedagógicas, formação de professores e carga horária relevantes para os diferentes programas. Entretanto, é importante considerar que uma CH mais robusta possibilita uma imersão mais profunda na língua-alvo, permitindo que os alunos desenvolvam suas habilidades linguísticas e acadêmicas de forma mais consistente e efetiva, como uma verdadeira Educação Bilíngue e Plurilíngue deve proporcionar.

Sendo assim, reiteramos que uma Escolarização Bilíngue bem-sucedida não se resume apenas ao ensino de línguas na escola (focado no ensino de vocabulário e de estruturas linguísticas), mas também e, em especial,

à exploração de temas e conceitos em diferentes áreas do conhecimento, possibilitando uma verdadeira integração linguística e acadêmica entre as línguas. Nesse sentido, é crucial que haja um maior debate e reflexão sobre os critérios para a implantação de propostas de Escolarização Bilíngue no Brasil. É necessário estabelecer diretrizes mais claras e consistentes que levem em conta as melhores práticas e pesquisas na área, garantindo, assim, uma Educação Bilíngue mais efetiva e enriquecedora para os alunos. Isso permitirá que as escolas ofereçam uma experiência bilíngue mais coerente e preparatória para a formação de indivíduos com habilidades linguísticas e interculturais ampliadas, capazes de atuar em um mundo cada vez mais globalizado e diversificado.

Espera-se que o campo acadêmico continue a acompanhar a evolução da Educação Bilíngue, examinando tanto as causas de seu crescimento quanto os reflexos educacionais gerados a curto, médio e longo prazo. O avanço do conhecimento científico é o caminho para decifrar os desafios contemporâneos e as tendências dessa modalidade no país. Ao priorizarmos o estudo sistemático, poderemos elevar o Brasil ao status de modelo em educação bilíngue, contribuindo para a construção de uma nação plural, capaz de interagir de forma positiva e competente em um mundo interconectado.

Conflito de interesses

Os autores declaram não ter qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo, e assumem responsabilidade total pelo conteúdo do artigo.

Contribuição dos autores

Luciana Brentano realizou as entrevistas da amostra de 2023, participou das transcrições e revisou-as, elaborou a chave de codificação, codificou os dados da base empírica da análise e participou da análise dos resultados e da redação do artigo. Ingrid Finger colaborou com a realização das entrevistas, supervisionou a codificação dos dados, acompanhou a análise dos dados e participou da redação do artigo.

Disponibilidade de dados

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Referências

- Antoniou, M. (2019). The advantages of bilingualism debate. *Annual Review of Linguistics*, 5, 1–21. <https://doi.org/10.1146/annurev-linguistics-011718-011820>
- Baker, C., & Prys Jones, S. (1998). *Encyclopedia of bilingualism and bilingual education*. Multilingual Matters. <https://doi.org/10.1017/S004740450026404X>
- Baker, C., & Wright, C. (2017). *Foundations of bilingual education and bilingualism* (4th ed.). Multilingual Matters. https://doi.org/10.1007/978-3-319-02258-1_2
- Brasil. (2020). *Parecer CNE/CEB nº 02/2020: Diretrizes Curriculares Nacionais para a oferta da Educação Plurilíngue*. Ministério da Educação. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=156861-pceb002-20&category_slug=setembro-2020-pdf&Itemid=30192
- Brentano, L. S. (2020). A experiência bilíngue e a cognição: Implicações na sala de aula. In A. Megale (Org.), *Desafios e práticas na educação bilíngue* (pp. 123–136). Fundação Santillana.
- Brentano, L. S. (2023). *Criação de um framework de modelos de escolarização bilíngue para o contexto brasileiro, com base em evidências e à luz da Psicolinguística do Bilinguismo* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Lume Repositório Digital. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/278764>
- Brentano, L. S., & Finger, I. (2025). *Fundamentos da escolarização bilíngue*. Pearson Education. 256 p. ISBN 978-8543040509
- Brentano, L. S., & Finger, I. (2020). Biletracia e educação bilíngue: Contribuições das neurociências e da psicolinguística para a compreensão do desenvolvimento da leitura e escrita em crianças bilíngues. *Letrônica*, 13(4), 1–12. <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2020.4.37528>
- García, O. (2009). *Bilingual education in the 21st century: A global perspective*. Wiley-Blackwell.
- González, J. M. (Ed.). (2008). *Encyclopedia of bilingual education* (Vols. 1–2). Sage Publications. <https://doi.org/10.4135/9781412963985>
- Hamers, J., & Blanc, M. H. A. (2000). *Bilinguality and bilingualism* (2nd ed.). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511605796>
- Kovelman, I., Baker, S. A., & Petitto, L. A. (2009). Bilingual and monolingual brains compared: A functional magnetic resonance imaging investigation of syntactic processing and a possible “neural signature” of bilingualism. *Journal of Cognitive Neuroscience*, 20, 153–169. <https://doi.org/10.1162/jocn.2008.20011>

- Kroll, J. F., & Bialystok, E. (2013). Understanding the consequences of bilingualism for language processing and cognition. *Journal of Cognitive Psychology*, 25(5), 497–514. <https://doi.org/10.1080/20445911.2013.799170>
- Marcelino, M. (2009). Bilinguismo no Brasil: Significado e expectativas. *Revista Intercâmbio*, 19, 1–22. <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3487>
- Marcelino, M., & Weissheimer, J. (2022). O que todo professor deveria saber sobre aprendizagem e desenvolvimento linguístico de crianças bilingues. In M. S. El Kadri, V. B. Saviolli & A. C. Molinari (Orgs.), *Educação de professores para o contexto bi/multilíngue: Perspectivas e prática* (pp. 181–200). Pontes Editores. <https://doi.org/10.5433/1519-5392.2022v22n2Esp.p01>
- Martin-Rhee, M. M., & Bialystok, E. (2008). The development of two types of inhibitory control in monolingual and bilingual children. *Bilingualism: Language and Cognition*, 11(1), 81–93. <https://doi.org/10.1017/S1366728907003227>
- May, S., Hill, R., & Tiakiwai, S. (2004). *Bilingual/immersion education: Indicators of good practice. Final report to the Ministry of Education*. Ministry of Education (New Zealand). <http://www.educationcounts.govt.nz/publications/pasifika/5079>
- Megale, A. (2019). *Educação bilingue no Brasil*. Fundação Santillana.
- Megale, A. H., & El Kadri, M. (Orgs.). (2023). *Escola bilingue: (Trans) formando saberes na educação de professores*. Fundação Santillana.
- UNESCO. (2015). *Educação para a cidadania global: Preparando alunos para os desafios do século XXI*. UNESCO. <http://unesco.org/open-access/terms-use-ccbysa-en>

Recebido em: 31.10.2024

Aprovado em: 15.10.2025

EDITORA GERAL: Marcia Veirano Pinto 